



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

A Lenda da Abóbora-Menina

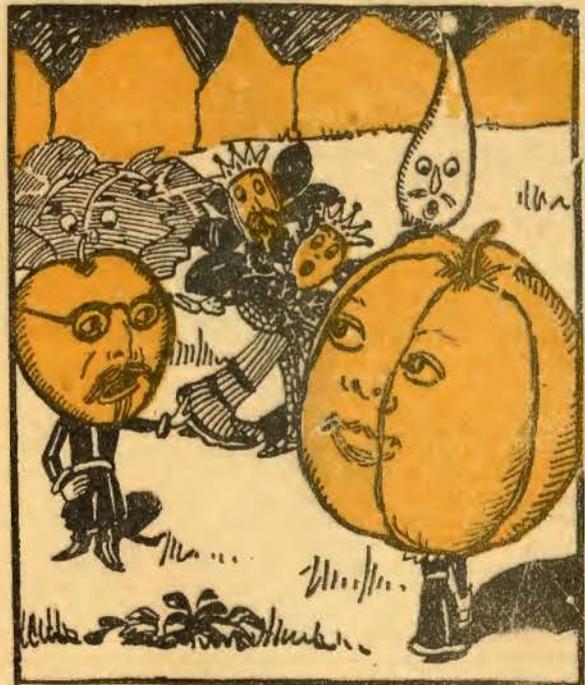
— Por José S. Rau —
Desenhos de Eduardo Malta

SUAS Magestades a Rainha Hortelã-Pimenta e El-Rei Espinafre tiveram um dia uma filha bastante leguminosa que, durante algum tempo, os obrigou a complicadas meditações.

A princípio, porém, não se inquietaram. Que podia sair do requintado perfume da Hortelã-Pimenta e da aristocrática elegância do Espinafre senão uma hervasita de sangue azul, delicada e leve como a salsa, fresca e al-tiva como a alface, emplumada de rendas como a chicória ou, ainda, sedosa e redondinha como a beldroega? Mas a princesa desmentiu todos estes cálculos naturais, começando a mostrar-se, com grande desgosto dos seus



progenitores, uma vergonhosa excepção à genealogia da estirpe. Aos quinze dias, caíram-lhe as folhas, inchou-lhe a barriga, mudou-se-lhe a cor de verde tenrinho para



amarelo esbranquiçado e os mais conspícuos doutores do reino da Horta foram chamados a diagnosticar a verdadeira origem, o verdadeiro nome e o verdadeiro destino daquele deplorável mistério. O primeiro doutor jurou (e quem jura mente) que a princesa era uma ervilha. El-Rei Espinafre virou-se para a rainha e informou, sacudindo a sua rama tão saborosa no esparregado: «é ervilha». Mas logo o segundo doutor que, armado duma lente, assistia a invisíveis evoluções, pediu desculpa ao eminente colega e jurou, por sua vez, que a princesa era... uma cebola! Só de ouvir este nome, tão chorado pelas cozinheiras, os soberanos levantaram os braços ao céu. Não estavam, po-

(Continua na página seguinte)

A LENDA DA ABOBORA MENINA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

rêm, no fim das suas atribuições, pois que o terceiro doutor, ilustre notabilidade do visinho reino do Pomar, pediu desculpa aos seus colegas e, com uma pronúncia muito arrevezada, jurou, por sua vez, que a princesa era... uma batata. A estas palavras, que era a infame condenação da dinastia dos Espinafres-Pimentas, tão intimamente ligada aos Pimentas da Índia e aos Espina-



fres do México, a rainha desmaiou e el-rei teve este grito que devia ficar na história:

— Tudo, meu Deus, tudo menos uma batata!

Não ficaram por aqui os desesperos dos reis cônjuges. A princesa não se contentou com os limites normais e adultos da ervilha, da cebola e da batata. Chegou rapidamente a uma dimensão tal que não permitia já a hipótese da ervilha nem da cebola nem da batata. Hortelã-Pimenta, que já não sabia de que terra era, escreveu a sua augusta mãe, a rainha Azeda. Esta acorreu, pressurosa, apesar da sua amarga velhice; examinou a neta e berrou:

— Minha filha, isto é... uma beterraba!

Uma vez depois a princesa ultrapassava o tamanho e o peso daquilo que nós estamos habituados a considerar uma beterraba. A corte, sucumbida, limitou-se agora a ver crescer a princesa. Houve uma ocasião em que a rainha Azeda, com o seu espírito bisbilhoteiro de sogra, se virou com azedume (pudera!) para El-Rei Espinafre e se queixou de que a princesa era, afinal de contas, uma melancia. El-Rei, resignado, encolheu os ombros. Mas a princesa continuou a desmentir todas as suposições e em duas semanas ocupou a área de duas melancias. A rainha Azeda, furiosa, abalou para os seus estados. A princeza, então, parou de crescer e ficou exactamente como uma bola de jogar, salpicada de manchas, cheia de rugas e com um penacho de bigodes no cocuruto da cabeça. El-Rei Espinafre morreu de desgosto e foi comido em sopa de grão.

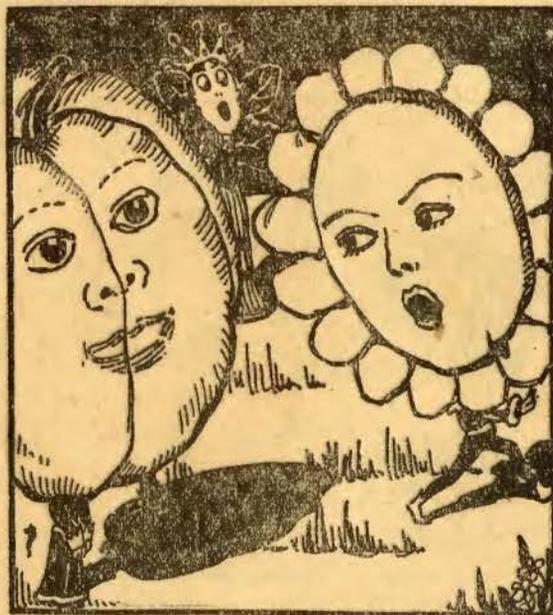
Chegou, finalmente, a idade de casar a herdeira de tão poderosos domínios e nessa altura a rainha Hortelã-Pimenta convidou todos os fidalgos do seu reino a uma recepção no palácio. Veio o duque Pepino, mais o marquês Carrapato, mais o conde Agrião, mais o visconde Grêlo, mais os ricos senhores Alho, Nabo e Rabanete. Nenhum deles, a bem dizer, gostava duma princesa tão gorda e tão pesada, mas quem casasse com ela seria rei da Horta, o que é, ainda hoje, para muitos legumes, a suprema aspiração. O Duque Pepino fez valer a sua ascendência e as suas qualidades pessoais; descendia em linha recta do famoso francês Pepino-o-Breve—e, cortado

às fatias com vinagre, era uma delícia. O Marquês Carrapato invocou seu bisavô da Hungria, senhor dos Cárpatos (que em português se lê Carrapatos) e chamou-se um petisco guisado com presunto. O Conde Agrião, da aristocracia provinciana, declarou que costumava acompanhar os frangos assados e que era sempre indispensável numa boa saladinha de alface. O Visconde Grêlo disse que era muito simples e muito saudável com um fio de azeite e uma pedrinha de sal. O nobre Alho, chefe do partido nacionalista, falou da açorda alentejana. O nobre Nabo, completamente careca, coitado, limitou-se a um silêncio enorme. Quanto ao nobre Rabanete, vermelho como um morango, confessou que, além de ser o verdadeiro nome de Gabriel d'Annunzio, abria sempre o apetite de sociedade com as azeitonas.

A princesa ouviu e, como era gordalhuda, escolheu no íntimo da alma o conde Agrião, pela sua delicadeza, pela sua frescura, pelo seu conhecido sabor desenojativo. Mas a rainha Hortelã-Pimenta tinha grandes ambições imperialistas e, despedindo todos os fidalgos do seu reino, começou a pensar no príncipe Girasol, herdeiro da nação do Pomar. Foram longas e trabalhosas as negociações entre a rainha da Horta e seu vizinho, o velho e heroico rei Marmeleiro. Por sua vez este viu-se em palpos de aranha para vencer a repugnância do príncipe Girasol, que não ignorava a lealdade monstruosa da princesa e que andava apaixonado pela castelã jardineira chamada Madre-Silva. Finalmente, o príncipe Girasol cedeu aos rogos do pai, talvez em virtude duma boa aplicação de marmeleiro, e veio à corte da Horta visitar sua futura mulher. Porém, quando o príncipe Girasol, coraçado no belo orgulho das suas pétalas incandescentes, viu a desgraciada noiva que para ele avançava aos tropeços, temete Maria não cáias, como uma bola de borracha, esqueceu as ordens do rei Marmeleiro, esqueceu a presença da rainha Hortelã-Pimenta, esqueceu a sua proverbial urbanidade e bradou-lhe:

— Ora abóbora, menina!

E, ali mesmo, mandou-a à fava.



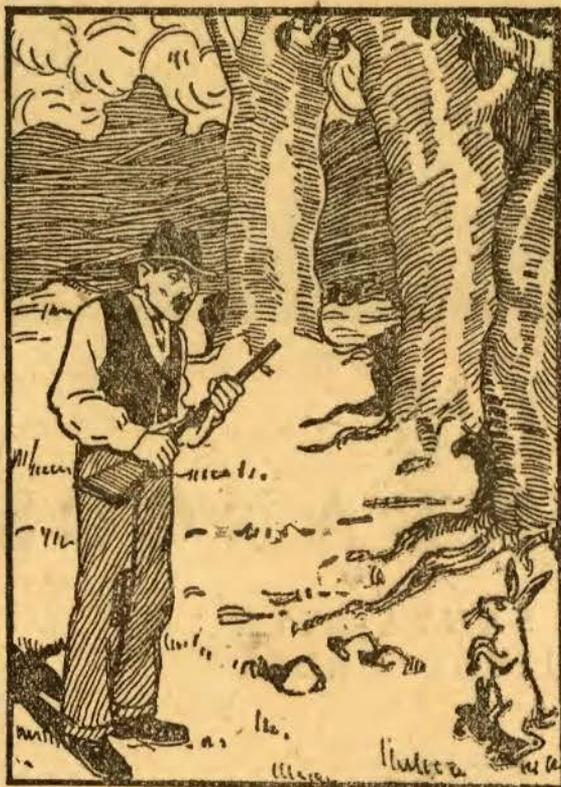
Desde então a rainha Hortelã-Pimenta compreendeu que sua filha era apenas uma abóbora, embora fôsse, como não podia deixar de ser, um exemplar especial de abóbora. E é, desde então, meus pequeninos leitores, que a abóbora, manchada e redonda, que partida ao meio parece um melão perfumado, usa o nome bastante vulgar de «abóbora-menina».

F I M

O TIO MANOEL

Por SOLEDADE CANAS DA MATA
:: Desenhos de EDUARDO MALTA ::

ERA uma vez um homem que vivia numa cabana muito pobre. Tão pobre era que tinha que ir todos os dias à caça ou à pesca, para não morrer de fome. Um dia, quando andava à caça, o sr. Manoel (pois era este o nome do nosso homem) viu um coelho encostado a uma árvore. Apontou a espingarda, e ia para disparar, quando o coelho disse: — Não me mates, que eu dou-te tudo quanto tu quizeres.» Tio Manoel olhou, muito espantado, para o coelho, pois nunca tinha ouvido falar coelho algum, e este continuou: — Vai para casa, que lá encontrarás o suficiente para viveres o resto dos teus dias. Se



quizeres mais alguma cousa, vem aqui a esta árvore, bate três pancadas, que eu apareço logo, para te dar o que tu precisares.

O sr. Manoel foi para casa e, em lugar da cabana que uma hora antes tivera, encontrou um lindo palácio, com muito ouro dentro. Passou-se algum tempo, e o sr. Manoel, como já era muito ambicioso e queria ser o homem mais rico do mundo, foi ter com o coelho e disse-lhe:

— Coelho, eu quero ser o homem mais rico do mundo todo.

— E's muito ambicioso, disse o coelho, mas como me deste a liberdade, vou dar-te o que tu queres. — E, dizendo isto, tocou com uma varinha de condão no chão, onde apareceu logo um carro cheio de ouro, puxado por dois bois.

O sr. Manoel foi para casa, e, passado outro tanto tempo, meteu-se-lhe em cabeça querer ser ministro.

Foi, novamente, ter com o coelho, e disse-lhe que queria ser ministro. «Bem, disse o coelho, é esta a última vontade que te faço, porque já te vais tornando muito exigente.» Oito dias depois, o sr. Manoel era o primeiro ministro do Rei. Mas, apesar da sua enorme riqueza, e da

sua posição social, todos na cõrte o olhavam com desprezo.

Um dia, o sr. Manoel perguntou a um criado porque é que todos lhe voltavam a cara.

— E' porque Vossa Excelencia não tem a educação que deve ter todo o fidalgo, respondeu o criado.

— Pois bem, vai buscar um automóvel, porque daqui a uma hora já sou o homem mais sábio do mundo.

O criado cumpriu as ordens e, meia hora depois, o novo ministro parava ao pé da árvore que servia de habitação ao nosso coelho. Bateu três pancadas, e quando se abriu a porta (pois que a árvore era um palácio encantado), o novo Ministro disse:

— Mestre coelho, na cõrte todos me olham com desprezo, porque eu não sei ler, nem tenho educação nenhuma.

— E que queres dizer com isso? perguntou o coelho.

— Quero daqui em diante ser o homem mais sábio do mundo.

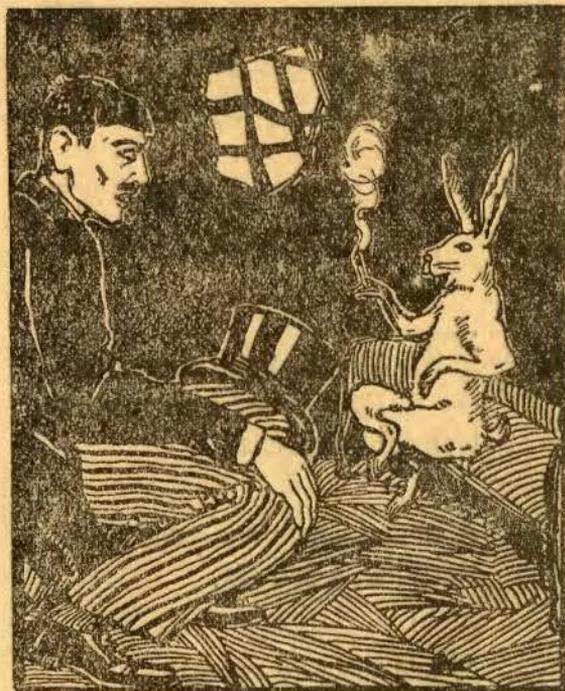
— E' impossível, respondeu o coelho.

— Não me fazes favor nenhum, porque se te não matei foi com a condição de me dares tudo o que eu quizesse.

O coelho sentou-se num «divã», traçou a perna, acendeu um cigarro e disse, acentuando bem as palavras:

— Em troca da liberdade que me deste, dei-te muito dinheiro; pediste mais, e eu dei-to; quizeste ser ministro, foste; mas agora não te posso dar o que tu pedes. Foste muito exigente, e por isso, em chegando a casa, encontrar-te-hás tão pobre como dantes.

«Pode-se, sendo ignorante, possuir uma grande fortuna»



na mas, sendo ignorante, não se pode comprar a educação.»

E depois de dizer isto, o coelho desapareceu.

F I M



PÁPIM E OS SALTIMBANCOS

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

Pápim não tem companhia
Para ir ver a companhia
Dos saltimbancos!

Adoeceu—mas que pena!—
Rosalina, a sua aia.

Já sua vista se espraia
No longe!... que os saltimbancos
Armaram a alegre scena
Na arena
Fôfa e macia
Da praia.

Que pena,
Pápim não ter companhia
Para ir ver a companhia
Dos saltimbancos;
Que pena!

A música, ao longe, irrompe
Num cornetim aos arrancos;
Mas já agora a interrompe
O som de um tambor rufando!
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...

Emtanto, pela vidraça
Que o seu respirar arfante,
De instante a instante,
Faz baça,
Absorto, o Menino olha...

Crepita a luz nos archotes
E a acetilene nos bicos
Dos candieiros de folha;

Mas ai, o povo em magotes,
De pé em cima dos bancos
E em volta dos saltimbancos,
E' toda uma mancha escura,
Que impede de ver a scena,
— (Que pena!) —
E a linha airosa, a figura
Dos saltimbancos, no centro
Da turba, que os enamora!

E o menino, agora triste,
Cheio de pena, desiste
De olhar, como até ali,
Para fóra;
E põe-se a olhar para dentro,
Bem para dentro de si!

* * *
Chamam-no para deitar!...
Protesta! chora! faz scena!



Mas mão amiga estremece
O seu berço embalador
E, finalmente, obedece;
Sem ter visto trabalhar
Os saltimbancos, que pena!

Emtanto, ao som do tambor:
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...
Rataplan... plan... plan!...
E áquela música chan
Do cornetim
Aos arrancos,
Eis que Pápim
Adormece,
Com um sorrisinho lindo
Nos lábios francos!

E sonha que está na praia,
Ao lado da sua aia,
Muito de perto
Assistindo
A' festa dos saltimbancos!

.....
E o que não viu, desperto,
O que não viu, olhando,
Pôde ver, dormindo,
Pôde ver, sonhando!

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

JÁ SE ENCONTA A VENDA

Cô-Cô-Rô-Cô!...



Lindíssimos contos infantís
POR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

Maravilhosos desenhos
a côres de

EDUARDO MALTA

CAPA A OIRO SOBRE AZUL

PREÇO

PARA ASSINANTES DO «SECULO»

4 Escudos

NAO ASSINANTES

5

Pedidos á Administração
do «Seculo»

Rua do Seculo, 43

BREVEMENTE! UMA FITA AMERICANA! PELO Tiolónio



Colaboração Infantil

O LOBO E A MÃE DO MENINO CONTO

Por JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DE SOUSA
de 14 anos de idade — MENÇÃO HONROSA

ERA uma vez um menino muito turbulento e desinquieto, que andava sempre a arreliar a sua mãe que muito lhe queria. Quando estava em casa mexia em tudo, saltava para cima das mesas, parava a pêndula do relógio, debruçava-se na janela, puxava a cauda ao gato que se enfurecia contra êle, emfim, fazia tais coisas que a mãe muitas vezes zangava-se e dizia-lhe:

— Se continúas assim, um dia, chamo o lobo que te come.

Tantas e tantas vezes repetiu esta ameaça que os vizinhos se fartaram de a ouvir e foram dizer ao velho lobo que vivia na serra:

— Não sabes, lobo? A nossa vizinha tem um filho muito mau, que faz muitas maldades e ela constantemente lhe está a dizer que um dia te chama para o comeres.

— Ah! sim? Então está bem, lá vou ver o que quere.

Na noite seguinte, quando o pequeno estava pior do que nunca, a mãe gritou:

— Deixa, deixa, que um dia chamo o lobo que te há-de comer!

Mal ouviu isto o lobo bateu com força à porta e gritou:

— Aqui estou! Aqui estou ao teu chamamento!...

O pequeno ficou como morto de medo e, então, a mãe foi buscar um machado para matar o lobo; atirou-lhe com água quente para cima do lombo, insultou-o e chamou os vizinhos porque o malvado lhe queria levar o seu filhinho.

POESIA

Por GUILHERME PEREIRA DA ROSA
::: 10 anos — 2.ª MENÇÃO HONROSA :::

Aqui estou a concorrer
Ao vosso grande concurso,
Mas, com franqueza, receio
Ir fazer figura d'urso.

Confesso, com arrelia,
Que o talento é que me falta;
Se concorro é porque gosto
Do Santa-Rita e do Malta.

Quando leio o *Pim-Pam-Pum*,
Fico muito entusiasmado;
Sim senhor, é um jornal
Muito bem organizado.

Viva pois o *Pim-Pam-Pum*
Que está fazendo progressos!
Um abraço a vosselências
E desculpem estes versos!

E para êle dizia:

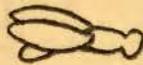
— Dorme, dorme, meu menino, que havemos de matar o lobo.

Então, já ferido, o lobo pôs-se a fugir e, perseguido pela mãe do menino, que o insultava e clamava pela vizinhança, contra o assassino, dizia:

— Que tal foi a aventura?!... Não querem lá ver?!... Esta mulher é das tais pessoas que diz uma coisa e faz outra!...

F I M

LIÇÃO
DE
DESENHO



COMO SE
FAZ
UMA MOSCA

HORA DO RECREIO

UM COFRE FORTE DE SEGREDO

Vamos hoje fazer um cofre forte (ou fraco) de segredo?
Mãos à obra habilidosos!

Martelo, pregos, canivete, madeira, duas dobradiças, (letra E) folha de ferro (para as peças D), papelão, etc., etc. Não vão marcadas as dimensões para que cada um possa fazer o cofre segundo as suas posses... Percebem?

CAIXA FORTE

Primeiro faz-se uma caixa de madeira com a tampa solta, cujas tábuas não devem ter menos de 1 centimetro de espessura. É o interior do cofre.

ser forçadas, e ao centro dessa tampa prega-se a outra tábu da parte interior.

Tudo isto deve ser bem pregado para ficar forte. E está a caixa feita...

FECHADURA

— Primeiro fazem a peça A de ferro, madeira ou papelão grosso.

— Liga-se esta peça ao interior da tampa, por meio das tiras D, que é preferível que sejam feitas de folha de ferro e não devem ficar muito apertadas.

— A altura conveniente na parte debaixo desta peça faz-se um furo, atravessando toda a tampa bem como outros dois na parte superior.

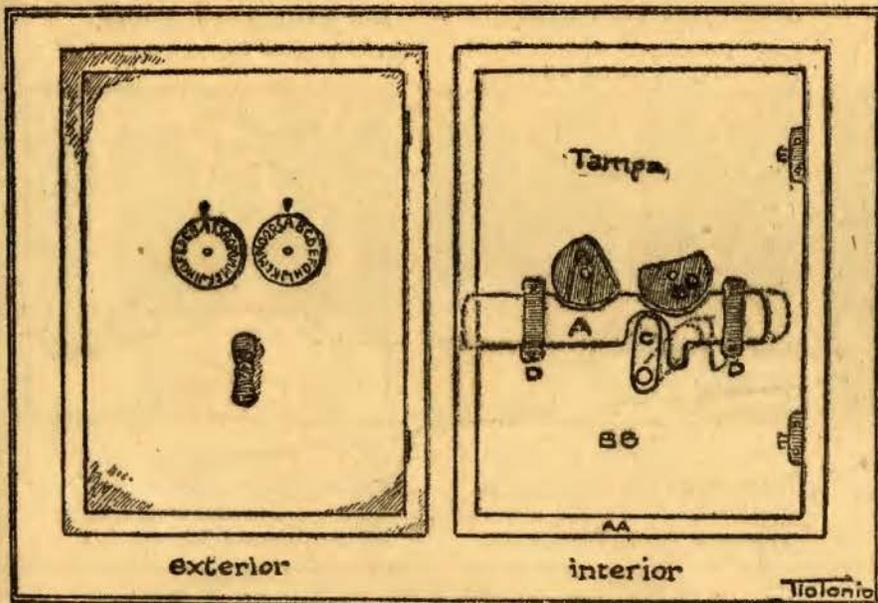
Todos esses furos são atravessados por eixos de madeira ou ferro.

Os eixos superiores têm de cada lado uns botões de madeira, que podem ser daqueles que se usam para fazer botões forrados de pano.

Nos dois botões exteriores, escrevem umas letras ou números do segredo, nos interiores fazem um corte como está indicado na gravura, de maneira que, quando renovam os botões das letras, transmitam o movimento aos outros.

O eixo inferior tem a tranqueta — ou como lhe queiram chamar — do cofre que pode ser feita com arame retorcido convenientemente.

Como vêem não é muito fácil, mas com um bocadinho de



Sobre essa caixa adapta-se uma outra de madeira mais fina, tendo os lados mais altos do que a caixa interior, precisamente a espessura da madeira da mesma.

Num dos lados da tampa da caixa exterior pregam-se as dobradiças (letra E) pela parte de dentro para não poderem

boa vontade todos o fazem.

Depois podem meter nêle grandes fortunas e documentos importantes...

Vosso amigo Totonio

Rua do Seculo, 43 — LISBOA.

ADIVINHAS

- 1.º — Qual a terra portuguesa que num rio é muito funda?
- 2.º — Qual a terra portuguesa que é árvore muito rija e bastante bonita?
- 3.º — Qual a terra portuguesa que serve para dormir regaladamente?
- 4.º — Qual a terra portuguesa que não é cidade mas pertence a um chefe de estado?

Perdura Arreia.

DECIFRAÇÃO DAS ANTERIORES

- 1.º — Peão.
- 2.º — Biciclete.

Meus meninos:

Este tolinho está a rir para alguém que está ao pé d'ele, também a rir. Vejam se descobrem para quem éle ri.



A VENTURAS de PIM, de PAM e de PUM

(Conclusão)



*Ao constar que fóra o Pim
Quem dera aso à prisão;
A engaiolarem, por fim,
Esse terrível ladrão,*



*O inspetor da Polícia,
Resolheu ir procurar
O ministro da Justiça
Para o menino louvar.*



*E, passada a portaria
De louvor, ao pequenito,
Marcou-se, para esse dia,
Um festival bem bonito.*



*Mandou-se cunhar em ouro,
No ouro que mais reluz,
Formosa c'róa de louro
E uma medalha de três.*



*Entre bandetras, e num
Palanque todo enfeitado,
Sentaram-se a Pam e o Pum,
Vendo o herói festejado.*



*Que grande foi esse dia,
Para o Pim condecorado,
Cumprimentado e beijado
Pelo Antontão Maria...!*

Concursos do "Pim-Pam-Pum,"



*Manuel José Maia de
Athayde
2.ª Menção honrosa
Concurso de Poesia
14 anos de idade*



*Maria da Encarnação
Dias Pena
13 anos de idade
Colaboradora do «Pim-
Pam-Pum»*



*Adelta Nobre
2.ª Menção honrosa
Concurso de Desenho
Série B*



*Carlos Pedro da Silva
Colaborador do «Pim
Pam-Pum»*